



**Entrevista exclusiva concedida por escrito pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao jornal Diário do Nordeste, do Ceará**

**Publicada em 06 de fevereiro de 2007**

**Jornalista:** Uma das principais críticas ao primeiro mandato do governo Lula foi a ausência do crescimento econômico. O Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) é uma forma de retomar o tempo perdido?

**Presidente:** Antes de se construir uma casa é preciso firmar seus alicerces. O meu governo nunca perdeu tempo. Trabalhamos com afinco, desde o primeiro dia, para criar as condições macroeconômicas excepcionais que o País vive hoje – fundamentais para qualquer projeto de desenvolvimento sustentável de longo prazo. Basta lembrar que, quando começamos o primeiro mandato, o País estava na UTI: inflação alta corroendo o poder de compra da população, grande vulnerabilidade externa, desequilíbrio estrutural das contas do governo e endividamento público interno e externo elevados e crescentes. Em quatro anos, tiramos o país da estagnação, iniciamos a retomada do crescimento econômico, geramos seis milhões de empregos formais, sem descuidar das contas públicas nem romper nenhum contrato. Dobramos as exportações brasileiras, pagamos a dívida com o FMI e com o Clube de Paris e ainda conseguimos implementar um dos maiores programas de transferência de renda do mundo, o Bolsa-Família. O resultado apareceu nos números da PNAD e outros institutos de pesquisa: 4 milhões de brasileiros saíram da linha da miséria, outros 7 milhões migraram das classes D e E para a C, e a pobreza como um todo diminuiu 19% em todo o País. Agora, nesse novo cenário de estabilidade e de melhoria das condições de vida da população, chegou a hora de pisar no acelerador da economia. O Brasil está maduro e preparado para um crescimento vigoroso nos próximos anos. O PAC traz uma série de



medidas para viabilizar esse crescimento econômico de que o País tanto necessita.

**Jornalista:** Desde a sua primeira campanha que o senhor elegeu o Nordeste como prioridade. Quais as prioridades do PAC para a região?

**Presidente:** A atenção especial que o meu governo tem com o Nordeste não se deve apenas ao fato de eu ter nascido na região, mas da visão estratégica que temos do País. Acredito firmemente que, para que o Brasil avance de fato, é preciso que o governo atue na redução das desigualdades regionais e aposte em uma política de desenvolvimento integrado para o País. O PAC aponta nessa direção, ao privilegiar, por exemplo, obras de transporte que integram os modais já existentes, facilitando o escoamento da produção nacional. Apenas para a região Nordeste, estão previstos investimentos de R\$ 80,4 bilhões em logística, energia e infra-estrutura social e urbana – sem contar as obras de caráter nacional, que beneficiam mais de uma região. Entre as obras na área de transporte, posso citar a duplicação da BR-101, de Natal a Salvador, e do acesso rodoviário ao Porto de Pecém, a construção da ferrovia Nova Transnordestina e a entrega do terminal de cargas e torre de controle do aeroporto de Fortaleza. Na área de energia, vamos construir as usinas termelétricas do Vale do Açu, de Pecém II e o terminal de regaseificação de gás natural em Fortaleza. Para você ter uma idéia dos números, vamos investir R\$ 8,12 bilhões na revitalização e integração das bacias do São Francisco e Parnaíba, R\$ 3,12 bi na expansão e recuperação de linhas do metrô – inclusive de Fortaleza, Salvador e Recife –, R\$ 2,7 bi em projetos de irrigação no Nordeste e R\$ 1,19 bi no projeto biodiesel.

**Jornalista:** Como o senhor analisa as críticas de que o PAC, caso saia do papel, seja o início de um novo "milagre econômico"?



**Presidente:** Eu sempre digo: não existe mágica em economia. Não há milagre algum no PAC, mas um programa sério, fundamentado e realista com medidas para efetivamente destravar o País, melhorando a nossa infra-estrutura e eliminando os gargalos que impedem uma expansão econômica mais acentuada. O PAC também pretende ser um incentivo ao investimento privado, fundamental para o êxito dessa empreitada. Em outras ocasiões da história brasileira, como na época do chamado “milagre econômico”, o País cresceu em um ambiente sem liberdades democráticas, sem distribuir o bolo e em um contexto inflacionário que anulava os resultados positivos do crescimento. Agora, não. O que buscamos é um desenvolvimento acelerado, com distribuição de renda e sem sacrificar a democracia nem o meio-ambiente. No PAC, o econômico, o político, o ambiental e o social estão plenamente enlaçados em um moderno projeto de nação. Veja: são, ao todo, R\$ 503,9 bilhões de reais injetados na veia da economia. Estou convencido de que em 2010, ao final de quatro anos de execução do PAC, o Brasil começará a ser um outro país, mais próspero e justo.

**Jornalista:** O senhor acha que o PAC conseguirá reverter em quatro anos a situação de habitação, falta de saneamento e déficit hídrico no Nordeste?

**Presidente:** Em primeiro lugar, é preciso que a gente saiba que não se corrige de uma hora para outra a situação de completo abandono dos investimentos em infra-estrutura que nós encontramos no Brasil. Mas o PAC foi desenhado justamente para equiparar as condições de habitação e saneamento em todas as regiões do País, possibilitando um desenvolvimento mais homogêneo e sustentável. No Nordeste, o programa prevê o atendimento, até 2010, de 5,4 milhões de domicílios sem saneamento básico. Também vamos investir R\$ 11,7 bilhões na melhoria da infra-estrutura hídrica da região, atendendo, até o final do governo, 19,7 milhões de nordestinos.



**Jornalista:** Como o senhor analisa as críticas de que o governo não está fazendo a sua parte no PAC, isto é, não sinaliza com uma parada nos gastos da máquina pública?

**Presidente:** Todas as ações e medidas incluídas no PAC são perfeitamente compatíveis com a manutenção da responsabilidade fiscal e a continuidade da redução gradual da relação dívida do setor público/PIB nos próximos anos. Ocorre que há aqueles que, quando se fala em desenvolvimento, só pensam em cortar, cortar, cortar. Diminuir investimentos, reduzir o salário mínimo e a remuneração do funcionalismo, dificultar o acesso da população à previdência social. Nós não podemos crescer sacrificando o andar de baixo. Optamos pelo caminho inverso: estimular o crédito e o investimento no País, reduzir a carga tributária do setor produtivo e melhorar a eficiência da máquina pública. Acelerar o crescimento econômico com distribuição de renda, sem prejuízo da consistência fiscal.

**Jornalista:** Com relação a Siderúrgica do Ceará, promessa de campanha do governo Lula, o senhor não poderia negociar com a Petrobras no sentido da empresa rever o valor do preço do gás que foi acordado com o governo do Estado?

**Presidente:** Na última semana estive com o governador Cid Gomes e falamos do projeto da siderúrgica, uma prioridade para o estado e para toda a região. O povo cearense pode ficar tranquilo: ela vai sair. As negociações entre a Petrobrás e os empresários estrangeiros sobre o preço do gás que vai alimentar os fornos são perfeitamente normais e é questão de tempo até que as duas partes entrem num acordo.

**Jornalista:** Como o senhor analisa a posição dos empresários ao afirmarem que apenas o PAC não basta, sendo necessário uma reforma tributária?



**Presidente:** A reforma tributária foi prioridade desde o início do meu primeiro mandato. Ninguém pode esquecer que, em abril de 2003, eu fui ao Congresso Nacional com 27 governadores para levar uma proposta de reforma tributária. A parte federal foi votada, mas a estadual, ainda não. Pouco antes das eleições, fizemos novo esforço para tentar a aprovação, propusemos até a concessão de 1% a mais do Fundo de Participação dos Municípios, além da redução do número de alíquotas do ICMS de 27 para 5. A oposição, porém, não quis votar. Acredito que agora, com uma nova legislatura no Congresso Nacional e com os novos governadores empossados, será possível aprovar essa reforma tão necessária ao Brasil.

**Jornalista:** O programa do biodiesel prevê também a inclusão social no semi-árido cearense. Como é possível essa inclusão se falta a matéria-prima, a mamona? Como o senhor pretende reverter essa situação de falta de mamona na região?

**Presidente:** No dia 31 de janeiro, foi assinado um termo de cooperação do Ministério do Desenvolvimento Agrário com o Banco do Nordeste, a Contag e a empresa Brasil Ecodiesel que vai disponibilizar um crédito de R\$ 50 milhões ao produtor de mamona no Nordeste. Apenas para o Ceará, serão repassados R\$ 9 milhões, 18% do valor total. Essa medida vai beneficiar cerca de 10 mil pequenos produtores e assegurar o abastecimento de mamona para as usinas de biodiesel.

**Jornalista:** Por que o Brasil não consegue acompanhar o crescimento de países emergentes como Rússia, China e Índia, fato que ficou evidente do Fórum de Davos na Suíça?



**Presidente:** Cada país tem seus problemas, suas características, seu próprio processo de desenvolvimento. Todos com seus méritos e suas dificuldades. Como diz a sabedoria popular, não é possível comparar laranjas com maçãs. Na nossa concepção de nação e desenvolvimento, não adianta, como eu disse, crescer sem dividir o bolo, crescer sem democracia ou crescer destruindo o meio-ambiente. O Brasil avançou muito nos últimos anos: na geração de empregos e distribuição de renda, na solidez das instituições democráticas, na preservação de seus recursos naturais, na estabilidade da moeda e no equilíbrio das contas públicas. Estamos prontos para um novo salto de qualidade. O PAC é a mola para isso.